

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades GeoAmbES



ARTIGO

O DUELO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA À LUZ DO CAPITAL: ENSAIO DE UMA ANÁLISE APÓS A CRISE PANDÊMICA MUNDIAL (2019-2023)

El duelo de la educación brasileña a la luz del capital: ensayo de un análisis después de la crisis mundial de la pandemia (2019-2023)

The duel of brazilian education in the light of capital: essay of an analysis after the world pandemic crisis (2019-2023)

Janiara de Lima Medeiros

Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF). Professora da Universidade Federal Fluminense (UFF)

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8610-4728>

E-mail: jlmedeiros@id.uff.br

Michele Morgane de Melo Mattos

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (PPGE-UFF) e colaboradora do Núcleo de Estudo, Extensão e Pesquisa em Inclusão Educacional e Tecnologia Assistiva (NUPITA-UFS)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7760-6938>

E-mail: michele.morgane45@gmail.com

Maria Onete Lopes Ferreira

Doutora em Educação pela Universidade Federal de São Carlos. Professora Associada III da Universidade Federal Fluminense (UFF).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1357-9202>

E-mail: molferreira@id.uff.br

Como citar este artigo:

MEDEIROS, Janiara de Lima; MATTOS, Michele Morgane de Melo; FERREIRA, Maria Onete Lopes. O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023). **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jul./dez. v. 1, n. 4, p. 14-33, 2023.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 4 (2023)

ISSN 25959026

O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

O DUELO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA À LUZ DO CAPITAL: ENSAIO DE UMA ANÁLISE APÓS A CRISE PANDÊMICA MUNDIAL (2019-2023)

El duelo de la educación brasileña a la luz del capital: ensayo de un análisis después de la crisis mundial de la pandemia (2019-2023)

The duel of brazilian education in the light of capital: essay of an analysis after the world pandemic crisis (2019-2023)

Resumo

O desenvolvimento do sistema capitalista preconiza o progresso, porém, esse processo se dá por meio da acumulação de riquezas e atinge dimensões, na maioria das vezes, destrutivas à humanidade, em seus aspectos físico, psíquico ou social. Buscou-se neste trabalho trazer inquietações e provocar reflexões quanto aos desafios da educação brasileira existentes antes de dezembro de 2019, quando foi instaurada a pandemia da covid-19, e o cenário atual. Para tanto, busca-se aqui fazer uma breve análise sobre os desafios educacionais que o Brasil enfrenta no cenário do Capital três anos após instaurada a epidemia. Provoca-se aqui uma reflexão sobre o desemprego nas diversas instituições como um dos resultados da desigualdade educacional em que, num círculo vicioso, gera a desigualdade social.

Palavras-chave: Desigualdade socioeconômico-cultural. Educação brasileira. Desafios educacionais.

Abstract

The development of the capitalist system advocates progress, however, this process takes place through the accumulation of wealth and reaches dimensions, most of the time, destructive to humanity, in its physical, psychic or social aspects. The aim of this work was to bring concerns and provoke reflections on the challenges of Brazilian education before December 2019, when the covid-19 pandemic was established, and the current scenario. To this end, we seek here to make a brief analysis of the educational challenges that Brazil faces in the Capital scenario three years after the outbreak of the epidemic. It provokes a reflection on unemployment in the various institutions as one of the results of educational inequality in which, in a vicious circle, it generates social inequality.

Keywords: Socioeconomic-cultural inequality. Brazilian education. Educational challenges.

Resumen

El desarrollo del sistema capitalista propugna el progreso, sin embargo, este proceso se da a través de la acumulación de riqueza y alcanza dimensiones, la mayoría de las veces, destructivas para la humanidad, en sus aspectos físico, psíquico o social. Este trabajo buscó traer inquietudes y provocar reflexiones sobre los desafíos de la educación brasileña antes de diciembre de 2019, cuando se instauró la pandemia de covid-19, y el escenario actual. Para ello, buscamos aquí hacer un breve análisis de los desafíos educativos que enfrenta Brasil en el escenario de la Capital a tres años del estallido de la epidemia. Se suscita aquí una reflexión sobre el desempleo en las diversas instituciones como uno de los resultados de la desigualdad educativa en la que, en un círculo vicioso, genera desigualdad social.

Palabras llave: desigualdad socioeconómica-cultural; Educación brasileña; desafíos educativos



Introdução

Este artigo visa perquirir sobre a educação brasileira sob os aspectos do capitalismo nacional e suas estruturas socioeconômicas culturais, considerando o marco histórico pandêmico e instigando educadores e pesquisadores da área educacional a fim de reconhecerem a manutenção dos desafios educacionais e a luta pela formação escolar democrática, inclusiva e acessível a todos. Por uma escola pública, laica, democrática, inclusiva e acessível a todos, independentemente de qualquer condição, é a escola que almejamos, mas é também um desafio para a educação no contexto da sociedade em que vivemos, sob a égide do capitalismo e cindida em classes.

O desequilíbrio econômico por que passa o Brasil atual desenvolve uma situação porvindoura de difícil planejamento. Dessa forma, a educação que está atrelada ao capitalismo no Brasil, promove emergir comportamentos defensivos: “Em um estado de anormalidade econômica, as decisões de certos grupos de agentes (empresários, por exemplo) não correspondem a um padrão esperado”. (Sicsu, 2019).

Em sua fase atual, o capitalismo é marcado pela espoliação da força do trabalho, ou seja, da superexploração dos trabalhadores em razão do acúmulo de riqueza. Se os trabalhadores são explorados ao máximo e seus direitos sociais, historicamente conquistados, são cada vez mais suprimidos, como podemos afirmar que vivemos sob um regime democrático? Diante disso, pode-se questionar: capitalismo e democracia podem andar juntos? Este cenário historicamente conflitante não perdeu espaço durante a pandemia da COVID-19 e tão pouco após o seu auge. Desta forma, identifica-se que, entre o período de dezembro de 2019 a julho de 2023, as políticas públicas educacionais não modificaram seus rumos, exceto quanto à adesão às tecnologias na educação (planejamento, avaliação e gestão), pois é certo que o uso das tecnologias educacionais era parte dos planos da educação brasileira. No entanto, antes da pandemia objetivava-se sua utilização no apoio à aprendizagem ou no envolvimento dos estudantes e seus familiares nos processos de ensino-aprendizagem. Porém, durante a pandemia, as tecnologias educacionais



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

destacaram-se sobremaneira após as suspensões das aulas em razão da necessidade do distanciamento como meio de prevenção e cuidados com a Covid-19.

No entanto, ressalta-se aqui que, ao acelerar os processos de adesão às tecnologias educacionais, a classe trabalhadora docente viu-se esgotada frente às demandas emergentes de criação de conteúdo, aulas, processos pedagógicos e necessidade de retenção de estudantes (no caso das instituições privadas de ensino). Se por um lado acredita-se que a autonomia dos estudantes fora estimulada durante a pandemia por meio da adesão à tecnologia, por outro lado, o distanciamento entre eles e também para com os professores fora implantado tecnologicamente e ampliado significativamente.

Neste sentido, questionamentos e reflexões acerca de políticas públicas educacionais, trabalho, educação, democracia, economia, dentre outras categorias de análise da nossa conjuntura sócio-política, que eram tão importantes antes da covid-19, ganharam destaque nos tempos atuais em que os índices da Covid reduziram. Assim, ao analisarmos quaisquer categorias em torno da educação brasileira é fundamental que sejam considerados os marcos pandêmicos dos quais estão sinalizados em dezembro de 2019 como o momento inicial, ao longo de 2020 o apogeu pandêmico que não declina significativamente em 2021, mas, somente em 2022, após as doses de vacinas, dentre outras medidas adotadas pelo sistema de saúde, foi possível observar a redução dos indicadores que apresentavam casos confirmados, a incidência a cada 100 mil habitantes e óbitos¹. Esse panorama de instabilidade é fundamental para que educadores e pesquisadores da área de educação possam analisar e buscar compreender os desafios da educação brasileira após as mudanças técnicas e tecnológicas ocorridas diante da necessidade do enfretamento da Covid-19.

A escola é uma instância social, portanto, reproduz as relações sociais vigentes na sociedade. Logo, no ambiente escolar, as hierarquias e os valores sociais são mantidos, as quais não impulsionam uma transformação social. Sob o contexto dos

¹ Dados disponíveis em: <https://painel.saude.rj.gov.br/monitoramento/covid19.html>. Acesso em 20 mar.. 2023.



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

princípios que regem a sociedade, ou seja, o sistema capitalista, o projeto educacional é regido pelo mercado e voltado para o capital humano, objetivando a produtividade e o crescimento econômico. As desigualdades diversas são reproduzidas para manter o distanciamento entre as classes, distanciamento esse que se tornou mais evidente no período pandêmico, sobretudo quando foi necessário que a população ficasse em casa para evitar a disseminação da doença. Que classes sociais tiveram a oportunidade de proteger-se em casa?

No Brasil, a pandemia causada pelo Coronavírus acentuou as desigualdades já existentes de diversas ordens - socioeconômicas, de gênero, étnico-raciais, dentre outras, tidas, historicamente, como naturais e justificadas pela meritocracia. Ruy Braga (2017, p. 27-53) ressalta que o desenvolvimento do capitalismo e da industrialização no Brasil foram feitos, principalmente, a partir da expansão do precariado, ou seja, aqueles trabalhadores mais precarizados, espoliados de direitos sociais, por exemplo, ex-escravizados, nordestinos, dentre outros, acentuando as desigualdades.

Dentro da classe trabalhadora, a categoria dos docentes merece destaque. Certamente que cada docente apresentará uma narrativa com base na sua experiência vivida durante este problema mundial. As opiniões dividem-se entre os professores mais experientes que se viram obrigados a reaprender ou a aprender um novo mundo com urgência, e os professores iniciantes, que conseguiram adaptar-se mais rapidamente em razão até da conquista da oportunidade do novo trabalho, sobretudo nas escolas privadas. A capacitação emergente para o preparo de aulas não só sobrecarregou docentes, como profissionais da educação envolvidos, pais e, principalmente, os estudantes.

Desta forma, observa-se que, trazer para o centro do debate as desigualdades e suas interseccionalidades reproduzidas pela escola, é fundamental para pensar possibilidades de luta contra hegemônica e de resistência ao capitalismo por meio de uma educação que se pautem em novos modos de relações sociais entre os indivíduos de uma nação.



Metodologia

A estrutura do texto está organizada da seguinte forma: iniciamos abordando a sociedade marcada pelas desigualdades tendo o capitalismo como pano de fundo; em seguida, tratamos da questão das desigualdades no Brasil e sua relação com o desenvolvimento do capitalismo e da burguesia no país; e por último, trazemos uma reflexão sobre a escola no contexto dessa sociedade para pensarmos em possibilidades de resistência ao projeto conservador-capitalista-burguês pela via da educação.

A sociedade capitalista e seus indivíduos

As desigualdades marcam a sociedade em que vivemos que é burguesa e fundada no capitalismo. Pensar no exercício da democracia, ou seja, na participação dos cidadãos na vida comum, em uma sociedade cindida em classes, que se baseia na exploração de uma classe sobre outras, sob a égide do capital, constitui um grande desafio. Oliveira e Algebaile (2019) questionam se a democracia como um valor universal, nos termos de Nelson Coutinho, ainda é um modelo forte na sociedade capitalista dos dias atuais. Afinal a democracia tem seus limites e contradições, próprias da sociedade moderna que ganha novos contornos na pós-modernidade.

Nos séculos XVII e XVIII, a burguesia proclamou o direito dos indivíduos de serem livres, iguais e independentes. Contrapôs-se ao controle excessivo do Estado mercantilista, aderindo à corrente política e econômica liberal na defesa do Estado “como um aparato necessário à reprodução capitalista, assegurando a troca das mercadorias e a própria exploração da força de trabalho sob forma assalariada” (MASCARO, 2013, p. 18). Com a ascensão da burguesia, foi implantado o capitalismo sob a exploração, escravização e colonização de povos, da intensificação do comércio e do surgimento de novas formas de trabalho, sendo o trabalho manual substituído pelas fábricas.

A divisão social do trabalho em intelectual e manual gerou as diferentes classes sociais. Em “A Ideologia Alemã”, Marx e Engels (2007) entendem que a passagem da barbárie à civilização levou ao surgimento de uma oposição entre a cidade e o campo



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

que, para os autores, corresponde à divisão do trabalho em manual e intelectual, que, por sua vez, pode ser entendida “como o início de uma existência e de um desenvolvimento do capital independentes da propriedade fundiária, como o início de uma propriedade que tem como única base o trabalho e a troca” (Marx; Engels, 2007, p. 56). Com a divisão do trabalho, também se diferenciam o interesse particular dos interesses comuns, esses últimos, por meio do Estado, como representante dos homens, mas que, na verdade, representa os interesses da classe dominante.

Mesmo ressalvado todo o desenvolvimento científico e tecnológico empreendido pela humanidade, ainda assim, não foi suficiente para garantir uma convivência harmoniosa e sem hierarquias entre os seres humanos pois as relações se mantêm desumanas. O empenho da sociedade é voltado à produção de armas e bombas e de outros artifícios para dominação de uns sobre os outros.

De acordo com Marx (1996, p. 23-51) as contradições do sistema capitalista engendrado pela burguesia revelam-se na mesma sociedade burguesa que defendeu a liberdade, igualdade e fraternidade, negou esses princípios aos seus indivíduos e por meio do empenho no domínio da natureza, engendrou o colonialismo pelo mundo produzindo catástrofes sociais e ambientais.

O sistema capitalista tem como fundamentos o acúmulo de riqueza que se dá pelo lucro desenfreado sobre explorações de classes sociais e de recursos naturais desastrosas, cujas consequências de sua expansão são caracterizadas pela ensaísta e romancista francesa, Viviane Forrester, como um “horror econômico” (Forrester, 1997 apud Medeiros, 2013).

O capitalismo é “um modo de produção cujos meios estão nas mãos dos capitalistas, que constituem uma classe distinta da sociedade” (Catani, 2017, p. 136). O trabalhador, por sua vez, vende a sua força de trabalho ao capitalista, como meio de subsistência, sendo essa a sua mercadoria. Fontes (2010) aborda o capital-imperialismo como uma reorganização do capitalismo em sua escala de expansão em que predomina o capital monetário em substituição ao capital concorrencial, avassalador e expropriador. Para a autora, a concentração de recursos e a recriação



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

permanente de formas de expropriações sociais são as faces do capitalismo que se concretizam por meio da extração de mais-valor, ou seja, “a produção de valor pelo trabalho e sua recorrente subalternização através do suposto pagamento pelo trabalho, o que obscurece o sobretrabalho” (Fontes, 2010, p. 21). Nesse sentido, o capital conta com uma base social e massiva disponível, convertida em necessidade, para a “venda de força de trabalho sob quaisquer condições”, sendo essa, portanto, “condição social inicial, meio e resultado da exploração capitalista” (Fontes, 2010, p. 22).

O capitalismo, em sua fase atual, iniciada após a Segunda Guerra Mundial, tem aprofundado neste século. De acordo com Medeiros (2021, p.105-107), o sistema pautado sob o capital tem sido um forte elemento do século XXI. Neste sentido, entende-se que o capitalismo de plataforma tem se caracterizado pela ausência de direitos sociais e a desregulamentação das leis trabalhistas, sendo denominado de “uberização” (Medeiros, 2021, p.108). Dependente da exploração da força de trabalho, a expansão do capital e a internacionalização da produção com a consolidação das grandes corporações multinacionais são as principais características dessa fase, onde se insere o capitalismo brasileiro, denominado de ultraliberalismo.

A desterritorialização do capital, ou seja, a ausência de fronteiras, permite e possibilita que o capitalismo se espalhe pelos países com suas políticas de espoliação do trabalho em nome do desenvolvimento e do aperfeiçoamento tecnológico desorganizando e esfacelando a classe trabalhadora pelo mundo. Assim, “a economia se globalizou, com corporações transnacionais e gigantes financeiros operando em escala mundial, enquanto os governos continuam sendo em grande parte nacionais e impotentes frente aos fluxos econômicos dominantes” (Dowbor, 2017, p. 10). O projeto ultraneoliberal ou capital-imperialista prevê também a privatização dos serviços públicos e a mercadorização de tudo.

A consequência da ação do capitalismo é o extermínio da população excedente que é invisibilizada pelo capital. A culpabilização pela pobreza no mundo é associada ao fato de que os países pobres não conseguiram “aproveitar a oportunidade” da globalização (Medeiros, 2013). Assim, a pobreza é administrada por órgãos

O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

supranacionais, mas sem eliminá-la, pois, a sua existência interessa ao capital, ou seja, é um meio de evitar ameaças sociais a sua reprodução, segundo Marx (1996, p. 90-95) e, “desta forma, o capitalismo mantém as massas sociais afastadas do poder político e econômico” (Marx, 1996, p. 135)

Qual é o lugar e o papel do indivíduo nessa sociedade? Como se dá a relação entre indivíduo e sociedade? Ao refletir sobre como os indivíduos se tornam indivíduos destacando o desafio de articular as experiências pessoais e o jogo coletivo (Setton; Spósito, 2013, p. 249), interpreta-se quanto aos processos sociais sob os quais os indivíduos estão submetidos a um olhar coletivo, o sujeito integrado as lutas de classes protagonizando seu papel de militante quanto “não só fatores econômicos, mas também fatores políticos, ideológicos, institucionais e até estritamente concernentes às pessoas dos protagonistas dos eventos histórico” (Marx, 1996, p.12). A individuação é influenciada por questões identitárias (cor, etnia, classe social etc.), e o seu estudo pode desvelar problemáticas sociais. Para Martuccelli (2010), na sociedade industrial, os indivíduos foram produzidos socialmente de maneira fortemente homogênea, padronizada, influenciada pelo fordismo. Porém, atualmente, para Martuccelli (2010, p. 27), é necessário reconhecermos:

la singularización creciente de las situaciones. Es cada vez menos probable encontrarnos con ‘clones’ sociológicos, o sea, con individuos que han tenido las mismas experiencias, en los mismos lugares, en los mismos momentos; en breve, con individuos que poseen trayectorias gemelas a las nuestras. La diferenciación de experiencias es la regla y tras ella se afirma la expansión de la singularidad. Ningún diferencial de genio sociológico existe entre nuestros antepasados y nosotros: hoy como ayer, los individuos están bajo la impronta de condiciones sociales e históricas, pero allí donde ayer el proceso de individuación acentuaba la estandarización, hoy consolida la singularización.

Martuccelli (2010) propõe a Teoria da Individuação para compreendermos os mecanismos que produzem os sujeitos em diversos contextos, portanto, é necessário atentarmos e analisarmos as experiências históricas particulares dos indivíduos na sociedade.



Breves apontamentos sobre a formação do capitalismo industrial no Brasil e as consequentes desigualdades

Florestan Fernandes (1976), em sua obra *A revolução burguesa no Brasil*, capturou o percurso de formação do capitalismo brasileiro, no século passado, que se desenvolveu de modo peculiar, implementado pela burguesia brasileira, por sua vez, subalterna ao exterior. Além disso, o país se inseriu no contexto do capital e da internacionalização de forma tardia, assim como os demais países latino-americanos, que sofreram processos de colonização, exploração e extração, bem como ditaduras e autocracias. Ainda marcou esse processo no Brasil a forte influência do pensamento colonial e escravocrata na economia do país, de caráter dependente.

No Brasil, o capitalismo se desenvolveu alinhado à aristocracia da burguesia brasileira, gerando um Estado autocrático, em seu processo de dominação burguesa de caráter permanentemente contrarrevolucionário, antecipando-se com exploração a qualquer rumor de revolução trabalhista, sendo caracterizada a democracia brasileira como blindada e restrita típica (Duriguetto; Demier, 2017).

Embora submissa ao capital internacional, a burguesia brasileira engendra seus projetos sob a exploração e desvalorização da força do trabalho, para tanto, alia-se a governos antidemocráticos ou ultraconservadores. É o caso do governo atual, que encontrou eco e o apoio necessário da burguesia brasileira para ascender ao poder, tendo como pauta o tripé pátria-religião-família, como analisado por Medeiros (2021, p. 32-37; 82-100). Quando o governo do Partido dos Trabalhadores não atendeu mais aos seus anseios, a burguesia, que se viu diante de uma perda de poder econômico com a crise de 2008, se articulou junto a outros setores da sociedade para promover a saída da ex-Presidenta Dilma Rousseff e a ascensão de um governo de extrema direita, que negava a ciência em favor de ideias baseadas no senso comum, enquanto segue com a disseminação de *fake news*.

As políticas de austeridades têm sido defendidas pelas mídias e pelo governo brasileiro como uma alternativa viável para o contexto de crise econômica e de aumento da dívida pública, exigindo reformas estruturais na atuação do Estado brasileiro. A aprovação da Emenda Constitucional nº 95/2016, que instituiu o Novo

O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

Regime Fiscal, em um país tão desigual como o Brasil, coloca em risco as populações mais vulneráveis. O livro 'Austeridade e retrocesso: impactos sociais da política fiscal no Brasil' nos leva à compreensão de como as desigualdades são aprofundadas com o desinvestimento que a educação e outras áreas sociais prioritárias vêm sofrendo. Um triste exemplo é o caso da população negra que está “mais sujeita à violência, à precariedade no mercado de trabalho, tem menos acesso a direitos sociais e menor renda”, ou seja, as políticas direcionadas à população vulnerável são essenciais, porém, o que temos visto é o Estado cada vez mais recuar-se do cumprimento de sua função de prover os direitos básicos dos cidadãos (Dweck; Oliveira; Rossi, 2018, p. 12). Ideia engendrada pelo liberalismo, mas atualizada pelo neoliberalismo e ultraliberalismo.

Os autores do referido livro revelam o que está por trás das políticas de austeridade:

[...] a austeridade tem uma longa história de fracassos porque, no fundo, trata-se de um programa de concentração de renda e riqueza. Para além de perigosa, a austeridade fiscal é uma ideia falaciosa, repetida incessantemente pelo governo e pelos meios de comunicação no Brasil e no mundo. Desconstruir essa ideia e a retórica que a sustenta é uma tarefa necessária (Dweck; Oliveira; Rossi, 2018, p. 12).

As consequências perversas da escravização de negros são sentidas até os dias atuais condenando a população negra aos postos de trabalho mais explorados e às condições mais desfavoráveis. Para Schwarcz (2019, p. 14), “o maior legado do sistema escravocrata, aqui vigente por mais de três séculos, não seria uma mestiçagem a unificar a nação, mas antes a consolidação de uma profunda e entranhada desigualdade social”. O mito “da democracia racial” constitui a falácia difundida de que não existe racismo no Brasil. Quem ocupa as filas de desempregados, os postos de trabalho mais subalternizados e precarizados, a parcela pobre da população? O racismo no Brasil é velado e estrutural, ou seja, faz parte de sua estrutura, denunciado pelo movimento negro no Brasil. De acordo com Schwarcz (2019, p. 19),



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

E por que será que destacamos sempre a falta de hierarquia de nossas relações sociais quando nosso passado e nosso presente a desmentem? Não é possível passar impunemente pelo fato de termos sido uma colônia de exploração e de nosso território ter sido majoritariamente dividido em grandes propriedades monocultoras, que concentravam no senhor de terra o poder de mando e de violência, bem como o monopólio econômico e político. Por sinal, a despeito de o Brasil ser, cada vez mais, um país urbano, aqui persiste teimosamente uma mentalidade e lógica dos latifúndios, cujos senhores viraram os coronéis da Primeira República, parte dos quais ainda se encastelam em seus estados, como caciques políticos e eleitorais.

Negros, indígenas e brancos, ricos e pobres, pessoas com deficiência e aqueles que não a apresentam, homens e mulheres e pessoas sob diferentes condições coabitam em mundos diferentes no mesmo país. O acesso aos direitos básicos se dá de forma diferenciada entre os cidadãos de acordo com sua condição socioeconômica ou étnico-racial, física, cognitiva, sensorial, gênero, dentre outras. De acordo com Vianna e Bortolini (2020, p. 19), as conquistas relacionadas à igualdade de gênero podem estar ameaçadas com o avanço conservador antigênero o que representa mais desigualdades:

Se há algo que podemos reter nessa e em outras pesquisas recentes por nós desenvolvidas é que o lugar do gênero e da produção das sexualidades nas políticas de educação é um lugar ainda por se consolidar. É, portanto, objeto de disputa cujo processo inconcluso, necessariamente em aberto, está permeável às diferentes concepções de educação, de direito ao acesso, à permanência, ao conteúdo específico com profissionais qualificados para tal.

As políticas sociais voltadas para a inclusão de populações historicamente excluídas da sociedade são os fundamentos para a construção de uma sociedade democrática. No Brasil, tais políticas não são consenso entre a população porque a classe dominante pronuncia discursos ideológicos enfatizando a meritocracia e assim as desigualdades são naturalizadas e legitimadas.

A educação e as desigualdades brasileiras: o que reserva o período pós-pandemia?



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

Frente às desigualdades da sociedade brasileira, a educação historicamente viveu o duelo de conduzir filhos de classes sociais econômicas favoráveis para assumir o domínio do país e os filhos das classes trabalhadoras para o trabalho assalariado. Para Anísio Teixeira, a educação livresca e conteudista fortalecia o projeto de educação das classes favorecidas, por isso, o educador se empenhou em pensar em uma escola voltada para quem estava excluído do processo educacional ou para aqueles que fazendo parte desse processo não desfrutavam de uma educação de qualidade. Anísio Teixeira entendia a educação como uma máquina de criar democracia, portanto, propunha um sistema educacional único, tanto para as elites quanto para as massas populares (Teixeira, 2011).

Do tempo de Anísio Teixeira para os dias atuais, a escola pública ainda não é acessível a todos e todas, pois permanece pautada na uniformização dos indivíduos, projeto da sociedade capitalista. Tunes (2011) destaca que a escola carrega o controle social da aprendizagem e, para isso, uniformiza os caminhos, as metas, os conteúdos, as estratégias, o currículo para o processo de aprender. A linha de montagem exerce influência sobre a escola que não admite a possibilidade do inesperado e não acolhe as diferenças, pois, antes, as invisibiliza.

Embora a educação seja importante para o desenvolvimento do capitalismo, no Brasil, ela não foi (e ainda não é) prioridade para os filhos das classes trabalhadoras. A sua implementação sempre ficou submissa a questões políticas e financeiras. Por isso, a importância das políticas públicas de educação que possibilitem o acesso a esse direito humano e que seja o acesso a uma educação de qualidade.

De acordo com Darcy Ribeiro, o fracasso na educação brasileira:

[...] é paralelo à nossa incapacidade de organizar a economia para que todos trabalhem e comam. Só falta acrescentar ou concluir que esta incapacidade é, também, uma capacidade. É o talento espantosamente coerente de uma classe dominante deformada, que condena seu povo ao atraso e à penúria para manter intocada, por séculos, a continuidade de sua dominação hegemônica e as fontes de seu enriquecimento e dissipação (Ribeiro, 2018, p. 25).



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

Em seu entendimento, as “façanhas elitistas” são os fracassos sociais. Dos dias de Darcy Ribeiro para os dias atuais, a educação mudou em muitos aspectos, por exemplo com relação à universalização e ao acesso em instituições de educação básica e superior, ainda que com suas dificuldades. Contudo permanece sob o domínio da classe dominante, mantém a ordem capitalista vigente e reproduz as desigualdades e mazelas da sociedade, ainda que com as contradições e as lutas de classes travadas no seio social. Como exemplo recente e fresco das memórias dos brasileiros, pode-se citar a manutenção da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), no pico da pandemia causada pelo Coronavírus. Em um momento de desastre – a catástrofe da disseminação da doença e a falta de ação para o seu combate que levou à morte de mais de 600.000 brasileiros – onde as desigualdades entre os estudantes ficaram mais evidentes, a manutenção do ENEM atendia a quem?

À educação, comumente, é conferido o papel de ser a chave da transformação da sociedade. Paulo Freire esclarece que “atribuir à educação o poder de transformação do mundo, cedo ou tarde, leva todos e todas que engrossam essas fileiras a uma enorme frustração” (Freire, 2019, p. 38), pois, para o autor, mesmo a educação não sendo a chave ou a alavanca da transformação social, ela é indispensável à mudança que tanto almejamos.

Mészáros (2008) afirma que os processos educacionais estão intimamente ligados aos processos sociais mais abrangentes. Assim é preciso haver uma transformação do quadro social para que a educação cumpra seu papel de mudança. Se não houver a mudança no quadro social, as alterações que se têm são apenas ajustes para corrigir algum ponto defeituoso, mas não para mexer na estrutura social estabelecida. Mészáros (2008) entende que os fundamentos do capitalismo são irreformáveis e sua natureza é incorrigível e sugere que a mudança radical é rasgar da camisa de força da lógica incorrigível do sistema (Mészáros, 2008, p. 35).

O sistema social vigente que se fundamenta no capital se favorece com a escola padronizadora, homogeneizadora e que invisibiliza a diferença. A educação, ao reproduzir as relações sociais vigentes, não dota o indivíduo de capacidade de



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

autonomia e emancipação, mas sim segue a lógica da produtividade, da busca pela eficiência e incentiva a competição.

E o que nos reserva a educação brasileira no pós-pandemia?

Não temos certeza de como serão os tempos vindouros, tampouco, se seremos acometidos por outra situação como a que vivenciamos ou não. Entretanto, não podemos esquecer que a disseminação do Coronavírus, que provocou tantas mortes no mundo, também faz parte da ação exacerbada e desenfreada do capitalismo e seu objetivo de acúmulo de riqueza que se sobrepõe ao limite humano e da natureza.

Como consequência da pandemia, transformações no mundo do trabalho já estão em andamento, que acarretarão formas automatizadas e automáticas, que requerem do indivíduo o manuseio desses recursos tecnológicos, que reverberará na educação. Por isso, refletir sobre o uso racional e humanizado das tecnologias educacionais que fora fortalecido na pandemia é fundamental, assim como pensar a formação docente que se volte para as diferenças e não para a uniformização dos indivíduos.

Considerações finais

Este texto trouxe reflexões a respeito das relações sociais vigentes na sociedade tendo como quesito de base o capitalismo e seu projeto que não se limita ao domínio econômico, mas também ao domínio das consciências. A sociedade, sob a lógica burguesa e capitalista, se constitui pela exploração de uma classe sobre as outras, mantendo um sistema de relações marcadas pelas desigualdades e justificadas pela meritocracia.

As desigualdades, sejam sociais, de gênero, geracionais, étnico-raciais, dentre outras, são fruto de uma sociedade injusta e desigual, mas que são necessárias para a manutenção das relações sociais vigentes que privilegiam aqueles que tem o padrão branco-homem-europeu. Portanto políticas e ações que venham mexer nessa



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

estrutura, não a mudam por completo porque forças sociais antagônicas se direcionam para manter o *status quo* vigente.

Nas últimas décadas, grupos e movimentos ultraconservadores têm-se destacado em disputas ideológicas influenciando fortemente a ação do Estado, como o Movimento Escola sem Partido. Juntando-se a outras instituições que representam o capital, o referido movimento tem atacado a educação apresentando questões ideológicas e se posicionando de forma alinhada ao capitalismo e seus preceitos.

Uma das forças sociais de grande impacto mundial foi marcada pela pandemia da Covid-19. Ao questionar acerca de políticas públicas educacionais, trabalho, educação, democracia, economia, entre outras categorias de análise da nossa conjuntura sócio-política no período de cerca de três anos desde que iniciou a pandemia, buscou-se refletir quanto aos desafios da educação brasileira não na esfera técnica ou tecnológica, e sim, acima tudo, no contexto do capital. Desta forma, uma análise ontológica foi priorizada em detrimento da epistemológica, a fim de buscar compreender os impactos do capital na Educação nacional no período de dezembro de 2019 a janeiro de 2023.

Neste sentido, observou-se a permanência da educação escolar inserida como reprodutora da sociedade e de suas relações sociais, inclusive, os familiares. Nesse cenário, o indivíduo manteve-se como centralidade no mundo do trabalho em que, os espúrios do capitalismo evidenciam uma de suas principais características: a acentuação do processo de desumanização do ser social.

Assim, é urgente trazer para o cotidiano das escolas a reflexão sobre a estrutura social vigente, as desigualdades, a exploração e espoliação do trabalho, a necessidade de lutarmos pela manutenção dos direitos sociais conquistados, dentre outros temas. Essa reflexão é essencial para que se possa conhecer as condições, os limites e as contradições sociais sob as quais a escola está inserida e assim pensar em uma alternativa escolar que se contraponha à lógica do capital e que não prescindida de princípios democráticos, de justiça social e solidariedade. E quem sabe podemos



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

construir uma escola pública, laica, democrática, inclusiva e acessível a todos, independentemente de qualquer condição.

Referências

ALGEBAILLE, Eveline; OLIVEIRA, Floriano Godinho. Gestão territorial e restrições ao exercício da democracia no Brasil. In: FERREIRA, Alvaro; RUA, João; MATTOS, Regina Célia de (Org.). **Produção do espaço: emancipação social, o comum e a verdadeira democracia**. Rio de Janeiro: Consequência, 2019, v. I, p. 145-165.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 2006. 384 p.

AULA 2. **Capitalismo contemporâneo, ultraliberalismo e austeridade** (Prof. convidado: Floriano José Godinho de Oliveira). Teoria e Educação I - Doutorado. PPGE/UFF. Coordenação: Maria Ciavatta, Paulo Carrano. Niterói: PPGE/UFF, 2021. (142 min.), Digital, son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kXqsDxqzA1E&t=1214s>. Acesso em: 10 out. 2021.

AULA 5. **A pesquisa em cultura e educação** (Prof. Convidado: Geovani Semerari). Teoria e Educação I - Doutorado. PPGE/UFF. Coordenação: Maria Ciavatta, Paulo Carrano. Niterói: PPGE/UFF, 2021. (144 min.), Digital, son., color. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/1zupmCNfxbaYSq891XqBHVVIKJw5SDyq/view?usp=drive_web&authuser=1. Acesso em: 10 out. 2021.

BRAGA, Ruy. **Rebeldia do precariado: trabalho e neoliberalismo no Sul global**. São Paulo: Boitempo, 2017

BRASIL. **Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016**. Altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Brasília, 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm. Acesso em: 27 out. 2021.

CATANI, Afrânio Mendes. **O que é capitalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Brasiliense, 2017.

CIAVATTA, Maria. A interdisciplinaridade e a formação integrada: exercício teórico ou realidade possível? In: _____. **O trabalho docente e os caminhos do conhecimento: a historicidade da educação profissional**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015, p. 54-70

DOWBOR, Ladislau. **A era do Capital improdutivo: por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2017. Disponível em: <https://dowbor.org/wp->



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

[content/uploads/2012/06/a_era_do_capital_improdutivo_impress.pdf](#) Acesso em: 15 out. 2021.

DURIGUETTO, Maria Lúcia; DEMIER, Felipe. Democracia blindada, contrarreformas e luta de classes no Brasil contemporâneo. **Argumentum**, Vitória, v. 9, n.2, p. 8-19, mai./ago. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/17066/11887>. Acesso em: 10 nov. 2021.

DWECK, Esther; OLIVEIRA, Ana Luíza Matos de; ROSSI, Pedro. **Austeridade e retrocesso**: impactos sociais da política fiscal no Brasil. São Paulo: Brasil Debate e Fundação Friedrich Ebert, 2018. Disponível em: https://brasildebate.com.br/wp-content/uploads/DOC-AUSTERIDADE_doc3-L9.pdf. Acesso em: 27 out. 2021.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. 3. ed. São Paulo: Zahar, 1974.

FONTES, Virgínia. **O Brasil e o capital-imperialismo**: teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010. 370 p. Disponível em: https://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/brasil_capital_imperialismo.pdf. Acesso: 27 out. 2021.

FREIRE, Ana Maria Araujo; MENDONÇA, Erasto Fortes (Org.). **Direitos humanos e educação libertadora**: gestão democrática da educação pública na cidade de São Paulo. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

MARTUCCELLI, Danilo. La individuación como macrosociología de la sociedad singularista. **Persona y Sociedad**, Santiago do Chile, v. 24, n. 3, p.9-29, 1 dez. 2010. Disponível em: <https://personaysociedad.uahurtado.cl/index.php/ps/article/view/196/191>. Acesso em: 28 out. 2021.

_____. Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo MARTUCCELLI. Entrevistadoras SETTON, Maria da Graça J.; SPOSITO, Marília P. In **Educação e Pesquisa**, Revista da Faculdade de Educação da USP, São Paulo, vol. 39, n/ 01, jan/mar. 2013, pp.247-267.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. (Trad. Luis Claudio de C. e Costa). 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política - volume I. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

MASCARO, Alysso Leandro. **Estado e forma política**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2013.



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

MEDEIROS, Janiara de Lima. **A reforma no ensino médio**: estudo crítico da Lei nº 13.415/2017. Rio de Janeiro, Editora E-Publicar, 2021.

MEDEIROS, J. L. **A economia diante do horror econômico**: uma crítica ontológica ao surto do altruísmo da ciência econômica, 2013.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

RIBEIRO, Darcy. Educação no Brasil. In: MAURÍCIO, L. V. (Org.). **Darcy Ribeiro: educação como prioridade**. São Paulo: Global, 2018.

SICSU, João. Brasil: é uma depressão, não foi apenas uma recessão. **Revista de Economia Contemporânea**. (2019) 23(1): p. 1-41 (Journal of Contemporary Economics). Classificação JEL: E32; E23; E12. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rec/a/b7qv8mW5HHLnjvZkd8RPGWs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso out/2022.

SCHWARCZ, Lilia. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

SETTON, Maria da Graça Jacintho; SPOSITO, Marília Pontes. **Como os indivíduos se tornam indivíduos?** Entrevista com Danilo Martuccelli. Educ. Pesqui. São Paulo, v. 39, n. 1, p. 247-267, jan./mar. 2013.

TEIXEIRA, Anísio Spínola. **Educação no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011. 429 p.

TUNES, Elisabeth. É necessária à crítica radical à escola? In: TUNES, Elisabeth (Org.). **Sem escola, sem documento**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2011.

VIANNA, Cláudia; BORTOLINI, Alexandre. **Discurso antigênero e agendas feministas e LGBT nos planos estaduais de educação**: tensões e disputas. Educ. Pesqui., São Paulo, v. 46, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/Tc37WjhH7ywmFCpJJ4NbBCH/pdf>. Acesso em: 28 out. 2021.

Recebido: 20/05/2023



O duelo da educação brasileira à luz do capital: ensaio de uma análise após a crise pandêmica mundial (2019-2023)

Aprovado: 01/06/2023

Publicado: 31/12/2023

